

**O ETHOS RELIGIOSO  
NOS SERMÕES DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA:  
UM MARCO NA HISTÓRIA DA CRENÇA HUMANA**

*Moacir dos Santos da Silva* (UENF)

[moacir.cap@gmail.com](mailto:moacir.cap@gmail.com)

*Ileana Celeste Fernández Franzoso* (UENF)

[ileana.celeste@gmail.com](mailto:ileana.celeste@gmail.com)

*Milene Vargas da Silva Batista* (UENF)

[milenevargas@hotmail.com](mailto:milenevargas@hotmail.com)

*Sérgio Arruda de Moura* (UFRJ/UENF)

[arruda.sergio@gmail.com](mailto:arruda.sergio@gmail.com)

**RESUMO**

Desde os primórdios da Idade Média, na história da civilização, em nome de um deus, de um objetivo, de um ponto de vista, muitos fatos ocorreram, em sua singularidade ou mais abrangente, abrindo portas e demarcando espaços, envolvendo o homem e sua capacidade de acreditar. A verdade é que a fé acabou moldando a essência humana, mesmo nas atrocidades percebem-se seus traços e, em nome de algo ou de alguém, pessoas são persuadidas, espaços são ocupados, aviões derrubados, monumentos construídos, rotas alteradas, rotinas transformadas. Neste trabalho analisar-se-á como isso se configurou sob uma ótica distinta, na visão de um padre, que em momentos, utilizou discursos inteligentes que tocaram e divergiram com verdades absolutas, ora sutil, ora abruptamente, mexendo com valores, estereótipos e forças sobre-humanas. Como se configura a verdade na história das crenças? Um Deus que liberta e não se toca é confiável? Não seria mais conveniente recorrer-se a mais de um? Para onde se vai depois da morte? Vida eterna existe? Até que ponto deve-se amar o semelhante? Existe alguém com um *Ethos* religioso capaz de desbravar corações endurecidos? Os caminhos por alguns conceitos irão ser desfraldados, percorridos e até “desrespeitados” e questionados. À luz de padre Antônio Vieira, a crença ou não no divino será analisada através de três de seus sermões: “O sermão do bom ladrão”, “O sermão da sexagésima” e “O sermão do mandato” passando pelas estratégias e procedimentos utilizados por ele, numa linha religiosa e política.

**Palavras-chave:** Vieira. Discurso. Fé. *Ethos*. Persuasão.

**1. Introdução**

O *Ethos* religioso de padre Antônio Vieira apresenta possibilidade de “confiabilidade” desde o início por trazer todo um ambiente propício e oportuno de fé, de força enunciativa e interação. A figura dele era persuasiva. É como apregoa Dominique Maingueneau (2008): “O *Ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o

público constrói também representações do *Ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale”. (MAINGUENEAU, 2008, p. 61)

Antônio Vieira era “o homem de ação, o visionário e o orador, era realmente um ser de notória sensibilidade como comprovam os seus sermões, proferidos em Portugal, Brasil e Itália, sempre com grande repercussão” (CEREJA & COCHAR, 2009). O padre que não se restringia a falar de religião/religiosidade, pregava também sobre “as causas políticas que envolviam pequenos comerciantes, índios, negros, invasões e até a própria Inquisição eram assuntos recorrentes. As temáticas dos mais famosos são: A arte de pregar, a invasão holandesa, a escravização de índios e o amor místico”. (CEREJA & COCHAR, 2009, p. 121)

A estratégia persuasiva do orador do século XVII, na aplicabilidade do *Ethos*, estava em consonância com alguns outros discursos modernos, onde se pode observar diversas questões imbricadas.

Tome-se como exemplo o que apregoa Ruth Amossy:

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. Que a maneira de dizer induz a uma imagem que facilita, ou mesmo condiciona a boa realização do projeto, é algo que ninguém pode ignorar sem arcar com as consequências. (AMOSSY, 1998, p. 9)

Hoje, os púlpitos para os discursos foram transformados, estão mais sofisticados; o *Ethos* para ser melhor identificado e desvelado precisa de uma análise depurada em invólucros que envolvem uma mídia específica que utiliza os mais diversificados instrumentos coercitivos, dos impressos aos eletrônicos. E é nesta linha divisória: perigosa, reflexiva e inovadora que se vai caminhar; explicitando essências e análises críticas acerca dos sermões de lá – padre Antônio Vieira – e suas implicações como alicerces para os de cá – a contemporaneidade; em que esse recurso: oral, persuasivo, eficiente, ético e transparente, se faz extremamente necessário para um porvir e uma aparição com clareza e coerência.

E é à luz deste viés revelador que será estruturado o *Ethos* religioso, aplicado pelo padre em voga para atingir os mais variados objetivos, em consonância com outros *Ethos* que também comprovam eficiência em suas utilizações. As nuances serão variadas; no entanto, esse será o ponto mais interessante, por ser conflitante, investigador e denunciador, reve-

lando o que os gregos já ratificavam pela retórica aristotélica: que o discurso precisa ser capaz de convencer e ganhar a confiança de um auditório específico.

## **2. O Ethos e a consonância social**

Não é de hoje que se precisa ser persuasivo para agregar pessoas, convencer acerca de opiniões diversificadas, explicar-se, esclarecer dúvidas e defender os mais variados pontos de vista. E para isso, poucos instrumentos são tão eficientes como o discurso. É através dele que se revelam as idiossincrasias, que políticas são vencidas e que crenças são explicadas.

Poucos povos foram tão competentes nesta labuta como os gregos. Ao longo da trajetória humana, eles consolidaram o modelo de política e sociedade com a repetição de suas organizações mundo à fora. Desde a disposição das assembleias, em círculo para não ter cantos e nem desprestigiados, até na hierarquia de voz e vez. A esse respeito Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins (2009), escreveram, inserindo ainda a formação de sociedade e democracia, envolvendo direito, justiça e poder

A polis se fez pela autonomia da palavra, não mais a palavra mágica dos mitos, palavra dada pelos deuses e, portanto, comum a todos, mas a palavra humana do conflito, da discussão, da argumentação. Expressar-se por meio do debate fez nascer a política, que permite ao indivíduo tecer seu destino na praça pública. Da instauração da ordem humana surgiu o cidadão da polis, figura inexistente no mundo da comunidade tribal e das aristocracias rurais (ARANH & MARTINS, 2009, p. 39).

Mesmo naqueles espaços em que a democracia, o diálogo e o discurso vigoravam para que imperasse a coerência e a justiça, nas causas polêmicas e divergentes, já existiam pessoas à margem, excluídas e outras ainda que necessitavam ser persuadidas. As mesmas autoras acima acrescentam em relação a essa organização e direito a fala e decisões, a seguinte informação: "Os cidadãos livres, ricos ou pobres, tinham acesso à assembleia. Tratava-se da democracia direta, em que não eram escolhidos representantes, mas cada cidadão participava ele mesmo das decisões de interesse comum". (ARANHA & MARTINS, 2009, p. 39)

Elucidando ainda mais a questão da efetividade do discurso, Maingueneau (2008), em sua escrita a respeito das unidades tópicas (unidades territoriais), discorre que estas "correspondem a espaços já 'pré-

-delineados' relacionados a certos setores de atividades da sociedade: discurso administrativo, publicitário, político etc., com todas as subdivisões que quisermos". Isso leva a compreensão de alguns silêncios, respostas, certas manifestações, ou indignações nos variados momentos em que são proferidos; bem como sua efetividade e aplicabilidade.

A estratégia de persuasão pelo discurso é algo que, como já se delineou anteriormente, focando na democracia grega, vem sendo utilizada desde os tempos mais remotos. E hoje é essencial para as pequenas negociações domésticas, percorrendo, inclusive, situações que abrangem comunidade, política, educação, dentre outras. Maingueneau (2008), em seus estudos, faz uma análise mais depurada, avaliando e classificando da seguinte forma:

Discursos como o religioso, o científico e o filosófico são evidentemente constituintes. O discurso político nos parece operar sobre um plano diferente: ele se situa na confluência dos discursos constituintes, sobre os quais se apoia (invocando a ciência, a religião, a filosofia etc.), e os múltiplos extratos da doxa da coletividade. (MAINGUENEAU, 2008, p. 38).

O discurso religioso é de característica "constituente" por ser específico, ter bases singulares, pontuais, ligadas a uma seita ou doutrina, de acordo com a classificação acima. Mesmo sendo o termo "*Ethos*" uma conceituação, de certa forma recente, pois surgiu aproximadamente nos anos 80, ele emplaca anonimamente na criação discursiva de Vieira. O discurso religioso é constituente por se autorizar a si mesmo. Ele traz em seu cerne a questão da crença humana que já demarca território e tem adeptos específicos; pontos de vista podem divergir, mas a essência, no caso dos discursos explicitados na citação, além do religioso, o científico e o filosófico, se mantém.

"No que se refere à França (...) é em 1984 que começa a exploração do *Ethos* em termos pragmáticos ou discursivos, que o integra a uma conceituação enunciativa (DUCROT, 1984: 201). Maingueneau propõe uma teoria de *Ethos* em um quadro da análise do discurso (MAINGUENEAU, 1984, 1987) e, anteriormente, M. Le Guern (1977) havia chamado a atenção para o valor que essa noção tinha na retórica do século XVII. Aqui se pode dizer que o *Ethos* religioso era o recurso mais aplicado pelos padres jesuítas, usuários, em momentos, mesmo sem conhecer a retórica de Aristóteles, em que a "boa impressão" e a forma de constituir o discurso eram de suma importância. Eis algumas ideias advindas do termo, mais uma vez à luz de Maingueneau (2008)

O *Ethos* é uma noção *discursiva*; ele se constitui por meio do discurso,

não é uma “imagem” do locutor exterior à fala;

O *Ethos* é fundamentalmente um processo *iterativo* de influência sobre o outro;

O *Ethos* é uma noção fundamentalmente *híbrida* (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-histórica determinada. (MAINGUENEAU, 2008, p. 63)

Seguindo a linha dos estudiosos em questão pode-se dizer que o silêncio, a postura, a maneira de articulação com o mundo e com as pessoas estão plenamente entranhados na fala discursiva de qualquer orador, é como o caráter que exala acima de qualquer ação/reação, e a sua consistência ocorrerá de acordo com a convergência e similaridade com o público que poderá beber desse manancial ou rejeitá-lo, num jogo exótico e imbricado em que além das palavras esses outros ingredientes contam muito.

### **3. O caráter libertário dos jesuítas na figura de padre Antônio Vieira**

A Companhia de Jesus nos séculos XVI e XVII, além de trazer à luz e a possibilidade de salvação por meio da fé e do conhecimento do divino, apresenta os padres jesuítas com todas as suas especificidades: conhecimento divino, posturas exemplares e envoltimentos sociais; dentre eles, padre Antônio Vieira, portando os variados *Ethos* que são identificados principalmente por intermédio de suas cartas e sermões.

Em “O bom ladrão”, por exemplo, Dimas, tem vez, voz e salvação e o padre ratifica isso quando o compara em seu sermão a outros ladrões contemporâneos a Cristo que tiveram a oportunidade de se redimir e nem sempre a aproveitaram como deveriam. Em seu sermão, ele explicita sobre Zaqueu e Judas que muito tiraram e muito tinham a restituir. Sobre o assunto, escreve o seguinte:

Mas o que muito se deve notar é que a Dimas prometeu-lhe o Senhor a salvação logo, e a Zaqueu não logo, senão muito depois. E por que, se ambos eram ladrões, e ambos convertidos? Porque Dimas era ladrão pobre, e não tinha com que restituir o que roubara; Zaqueu era ladrão rico, e tinha muito com que restituir, diz o evangelista. (VIEIRA, 1655, p. 2)

Essa relação de ações e merecimentos é uma constante no discurso do religioso que preparava os seus textos meticulosamente, consultando a Bíblia, dentre outros compêndios e aproveitando-se de todos os artifícios para interagir melhor com os seus espectadores, através de exem-

plos, pressuposições e premissas, aproximando o discurso do público, para que ele o pudesse sentir, fazendo parte do contexto. E como diz Alcir Pécora, um de seus estudiosos do Instituto de Linguagem da Unicamp, “ser um padre jesuíta, na especificação de Antônio Vieira, é sujar as mãos no mundo, é não conceber religião fora da política”.

E para endossar o explicitado acima, cita-se mais uma pérola, dessa vez retirada do filósofo Sêneca e devidamente encaixado no Sermão do Bom ladrão: “Se o Rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata, o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome”.

Mesmo rotulando a todos como ladrões, Vieira não deixa de conceituá-los e o faz à luz de São Basílio Magno, um dos santos de sua devoção. No entanto, o que se pode depurar de todo o texto detalhadamente construído para persuadir, transformar e ser apresentado oralmente, de acordo com uma clientela específica, é que a salvação era possível a todos; que, com mais ou menos restituição; com maior ou menor sacrifício, adiantava a luta. Seguem aqui as conceituações:

Distingue muito bem S. Basílio Magno: Não são só ladrões, diz o santo, os que cortam bolsas ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa: os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. — Os outros ladrões roubam um homem: estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo do seu risco: estes sem temor, nem perigo; os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam. (VIEIRA, 1655, p. 5)

Essa perspicácia e forma de organizar o discurso, de forma direta, comparativa, persuasiva, estruturada e conclusiva, tornava o padre uma figura ímpar, desejado por muitos governos como parceiro por tais capacidades e repudiado por outros, que se achavam afetados em algumas circunstâncias.

E o que dizer do Sermão da Sexagésima em que o pregador é tido por Vieira como um dos grandes culpados pela não germinação da semente nos campos? É uma estratégia que se deve considerar? E em relação à trilogia pregador/Deus/ouvinte. Existe um mais responsável que outro em caso de fracasso na crença ou até mesmo um ceticismo latente? As próprias palavras de Antônio Vieira servirão para elucidar o impasse:

Fazer pouco fruto a palavra de Deus no Mundo, pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. (...) Sendo, pois, certo que a palavra divina não deixa de frutificar por

parte de Deus, segue-se que ou é por falta do pregador ou por falta dos ouvintes. Por qual será? Os pregadores deitam a culpa aos ouvintes, mas não é assim. Se fora por parte dos ouvintes, não fizera a palavra de Deus muito grande fruto, mas não fazer nenhum fruto e nenhum efeito, não é por parte dos ouvintes. Provo. Os ouvintes ou são maus ou são bons; se são bons, faz deles fruto a palavra de Deus; se são maus, ainda que não faça neles fruto, faz efeito. (VIEIRA, 1965, p. 3)

Ler o sermão desperta para a responsabilidade e o privilégio da proclamação da palavra de Deus, que ao longo de toda a história da humanidade fez enormes intervenções nos pensamentos, nas ações e nos procedimentos de índios, plebeus e ilustres; como bem diz Vieira: “nem as pedras foram suficientes para impedir a frutificação das sementes entre as mesmas”. Ainda que tortas, instáveis, frágeis e limitadas, mas elas germinarão. Que sementes estão sendo plantadas por aí? E que tipo de terreno andam preparando, na contemporaneidade, para receber as mais diversificadas (sementes)?

Ainda aqui se responderá com as próprias palavras proferidas no sermão, acerca dessa reflexão sobre os pregadores e o que se encontra:

Quando Cristo mandou pregar os Apóstolos pelo Mundo, disse-lhes desta maneira: «Ide, e pregai a toda a criatura». Como assim, Senhor?! Os animais não são criaturas?! As árvores não são criaturas?! As pedras não são criaturas?! Pois não os Apóstolos de pregar às pedras?! Não- de pregar aos troncos?! Não- de pregar aos animais?! Sim, diz S. Gregório, depois de Santo Agostinho. Porque como os Apóstolos iam pregar a todas as nações do Mundo, muitas delas bárbaras e incultas, haviam de achar os homens degenerados em todas as espécies de criaturas: haviam de achar homens homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras. E quando os pregadores evangélicos vão pregar a toda a criatura, que se armem contra eles todas as criaturas?! Grande desgraça! (VIEIRA, 1965, p. 2)

Na verdade, os corações humanos podem ser hostis. Em relação a isso, Vieira mais uma vez surpreende com outro sermão, o do mandato. Nesse ele escreve sobre um amor diferente, capaz de superar tempo, ausência e ingratidão, como se pode observar no fragmento:

O terceiro remédio do amor é a ingratidão. Assim como os remédios mais eficazes são ordinariamente os mais violentos, assim a ingratidão é o remédio mais sensitivo do amor, e juntamente o mais efetivo. (...) O tempo é natureza, a ausência pode ser força, a ingratidão sempre é delito. Se ponderarmos os efeitos de cada um destes contrários, acharemos que a ingratidão é o mais forte. O tempo tira ao amor a novidade, a ausência tira-lhe a comunicação, a ingratidão tira-lhe o motivo. (VIEIRA, 1643, p. 7)

Neste sermão, além desses três remédios, o padre ainda cita um

quarto: um outro amor. Capaz de trazer uma outra perspectiva. É como ele bem apregoa “o inverso da luz” não são as trevas e sim uma outra (luz) mais forte”. Para tal afirmação, ele explicita as existências de João Batista e Jesus: o primeiro era a solução até que o segundo aparecesse e se configurasse – luz sobre luz.

Refletindo-se um pouco sobre o terceiro remédio: a ingratidão. O padre aproveita para falar de duas figuras ilustríssimas na história da evangelização e do cristianismo: Pedro e Judas:

Se bem repararmos antes e depois da morte de Cristo, acharemos que o mais favorecido na Ceia foi Judas, e o mais favorecido na Ressurreição foi Pedro. Na Ceia todos os discípulos comeram igualmente, e só a Judas fez o Senhor um mimo particular. Na Ressurreição a todos igualmente mandou a nova, e só a Pedro nomeou em particular. E por que só a Judas e só a Pedro estes favores particulares? Porque só Judas e só Pedro tiveram particularidade na ingratidão. Na Ceia o que mais ofendeu a Cristo foi Judas; na Paixão o que mais o ofendeu foi Pedro. (VIEIRA, 1643, p. 9)

E é com essa citação que ocorrerá uma pequena pausa nas reflexões relacionadas a um dos ícones das literaturas portuguesa e brasileira. Lembrando aqui ainda, que a preocupação com a salvação da alma humana, sobretudo da indígena, apresenta-se, em suas cartas e sermões, atrelada a uma visão política progressiva, humanitária e justa; no entanto, não deixava de estar devidamente associada à Santa Madre Igreja Católica. Nos púlpitos em que pisava para logo depois da leitura do Evangelho, fazer os seus sermões com a inteligência e sagacidade que lhes eram peculiares, apresentava discursos bem pensados, específicos e apropriados para as ocasiões, que além da persuasão, visavam à libertação.

#### **4. Considerações finais**

Por mais que exista um desejo imenso de uma continuidade analítica dos pormenores, advindos da leitura da vasta obra do autor, dentre outras especificidades reflexivas inerentes, a delimitação em seu *Ethos* religioso como um todo e em três dos seus sermões essencialmente, não priva de um conhecimento significativo acerca do mesmo; no entanto, o restringe: muitas outras informações e saberes contrastantes, divergentes e convergentes, poderiam advir numa pesquisa mais apurada e com mais rigor e tempo.

Contudo, o que se propõe aqui é fazer-se um passeio envolvendo o discurso, desde o silogismo aristotélico, com suas premissas, passando

por um pragmatismo e uma oratória bastante consistentes em Vieira, passíveis de enquadramento na conceituação “moderna” de *Ethos*, que envolve paratopia, sujeito, enunciador, enunciado, personagens, corporalidade, tom e caráter, num processo que engloba mais do que a persuasão, a transformação.

Cabe ressaltar aqui que os sermões do padre visavam, em primeira instância, os índios, que de acordo com caracterização de Alcir Pécora, professor da Unicamp, eram analisados pelos jesuítas da seguinte forma: “sobre a sua natureza boa, se transpôs um costume equivocados, pelas escolhas erradas, tornando-se brutos”, e para isso a educação religiosa, advinda de uma catequese, controlaria ações e faria brilhar Cristo na natureza ofuscada dos mesmos.

E a história provou que esse Cristo, envolto nos mais variados conhecimentos, brilhou além das paragens tupi-guarani. Seu discurso polido, político, coeso, coerente e significativo, despertou muito a atenção e foi caso de glória em muitas situações na Europa, no Brasil e no mundo. Reis, governadores e até Papa renderam-se à sua qualidade e magnitude: o seu *Ethos* religioso realmente foi persuasivo.

Em uma das obras mais recentes de Maingueneau (2015), pode-se justificar a eficácia do discurso do padre, ao longo da história, por apresentar as seguintes “ideias-força: é uma organização além da frase, uma força de ação, é interativo, contextualizado, é assumido por um sujeito, é regido por normas, é assumido no bojo de um interdiscurso, constrói socialmente o sentido” (MAINGUENEAU, 2015, p. 25-28)

E, de fato, este é um dos principais objetivos de construir-se o trabalho sobre Vieira: propiciar um encantamento a partir de organizações textuais eficazes, criadoras de discursos singulares, que propiciam pensamentos diferentes e preenchem um “vazio” com substâncias inteligentes e inovadoras; que mesmo em meio ao caos são capazes de permitir frutificações.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofando*: introdução à filosofia. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

CEREJA, Willian Roberto. *Literatura brasileira*: em diálogo com outras literaturas e outras linguagens. 4. ed. reform. São Paulo: Atual, 2009.

KOCH, Ingedore. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KRIEG-PLANQUE, Alice. *A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2010.

LOPES, Reinaldo José. *Como Deus nasceu*. 1. ed. São Paulo: Abril, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Org.: Sírio Possenti, Maria Cecília Perez de Souza e Silva. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. *Discurso e análise do discurso*. Trad.: Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MORIN, Edgar. *O método IV: as ideias, habitat, vida, costumes, organização*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005

PÉCORA, Alcir. *História do Brasil: Padre Antônio Vieira e a educação jesuítica*. Disponível em: <<http://univesptv.cmais.com.br.html>>. Acesso em: 01-09-2015.

VIÉIRA, Antônio. *De profecia e inquisição*. Brasília: Senado Federal, 1998. Disponível em:

<[http://www.salverainha.com.br/downloads/De Profecia e Inquisicao %20Padre Antonio Vieira.pdf](http://www.salverainha.com.br/downloads/De_Profecia_e_Inquisicao_%20Padre_Antonio_Vieira.pdf)>.

\_\_\_\_\_. *Sermão da sexagésima* (1655). In: \_\_\_\_\_. *Sermões Escolhidos*. v. 2. São Paulo: Edameris, 1965. Disponível em:

<<https://www.algosobre.com.br/downloads/livros-obras-literarias-pdf/629-padre-antonio-vieira-sermao-da-sexagesima/file.html>>.

\_\_\_\_\_. *Sermão do bom ladrão* (1655). In: *Literatura brasileira: textos literários em meio eletrônico*. Editoração eletrônica de Verônica Ribas Cúrcio. Disponível em: <<http://colegiocec.com.br/arquivos/livro-de-literatura-3-bimestre--parte-2---1-ano.pdf>>.

\_\_\_\_\_. *Sermão do mandato* (1643). In: *Literatura brasileira: textos literários em meio eletrônico*. Editoração eletrônica de Verônica Ribas Cúrcio. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000018pdf.pdf>>.